



EDITORIAL

Uma expressão que os estudiosos das ideias e do pensamento político e social deverão ainda desvendar é *gramscismo*. Um primeiro passo seria compreender a semântica e a história dos sentidos atribuídos ao termo, assim como precisar quais são os agentes e grupos que o mobilizam. Uma indicação preliminar dá conta de que ele é utilizado por grupos de extrema-direita, servindo para nomear a estratégia política, supostamente bem-sucedida, de conquista da hegemonia de esquerda no país. De maneira mais ampla, gramscismo é identificado com o marxismo cultural, termo que padece de ainda maior imprecisão.

Outro momento da investigação seria compreender seus usos e circulação, que são diversos. Tais noções vagas têm servido para desqualificar as universidades, tratadas como um espaço no qual tal marxismo cultural teria se difundido livremente; para deslegitimar movimentos sociais que lutam pela superação da dominação e exploração; para excluir o pensamento crítico dos espaços escolares, entre outras iniciativas.

Diante da instrumentalização amparada em erros intencionais ou em equívocos simplórios da figura e do pensamento de Gramsci, a IGS-Brasil e a revista *Hegemonia e práxis popular* tem uma tarefa que é teórica e prática.

Nos *Cadernos do Cárcere*, o marxista discutiu o papel de revistas e publicações a partir do que chamou de prática educativa-formativa. Trata-se de um “trabalho complexo e que deve ser graduado e articulado: deve ter a indução e a dedução combinados, a identificação e a distinção, a demonstração positiva e a destruição do velho” (Q. 1, § 43). Superando qualquer esforço de abstração e “enunciação teórica de princípios”, deve estar atento ao “concreto, à base do real” (Q. 1, § 43), como forma de escapar também de enunciados iluministas que pretendem direcionar as percepções em uma direção definida *a priori*.

Como traduzir essa orientação de Gramsci para nosso tempo presente? E como conduzir a revista *Hegemonia e praxis popular* (HPP) para que ela seja um instrumento educativo-formativo? Entendemos que isso deve ser feito com a cuidadosa interpretação e utilização dos conceitos e categorias gramscianas, amparada na historicização, filologia e desenvolvimento

teórico de seu pensamento. Nos contrapomos, assim, às leituras instrumentais e banalizadas nas quais se assentam os movimentos políticos que pretendem reforçar as estruturas de poder existentes. Mas também nos distanciamos, por outro lado, dos estudos teóricos gestados no isolamento dos frios gabinetes e apartados das lutas populares, que se tornam sustentáculos de uma ilusória ciência politicamente neutra.

A atenção às necessidades históricas dos grupos subalternizados, aliada ao rigoroso trabalho de estudo do pensamento de Gramsci, tem sido, portanto, a resposta dada pelos intelectuais e militantes que constroem a *HPP*. Essa seria nossa principal contribuição à *destruição do velho*, na expressão de Gramsci, para que emergjam novas práticas e um novo pensamento ligados às necessidades do presente.

Sabrina Areco